

EDITORIAL: A arte de viver na Pós-modernidade

Na atualidade, na concepção de Bauman, a referência para toda a ação moral está irremediavelmente baseada nas concepções do “direito natural racional” que, segundo ele, em vez de proclamar e reafirmar a autonomia do indivíduo perante as normas das instituições parece reforçar ainda mais a sua dependência de parâmetros externos provenientes de outras fontes, assim impossibilitando a reflexão e a decisão própria do sujeito moral. O que podemos inferir com tais pressuposições? Na concepção de Bauman, a definição de critérios de certo e errado, como característica fundamental da modernidade demonstra uma ausência de sua distinção. A consequência desse fato, os indivíduos atentam para a distinção com rigor padrões como utilidade, isto é, a verdade, beleza, propriedade; parecem realmente flutuar no mesmo nível de importância. Antes, porém, da modernidade, os critérios de escolha entre o certo e o errado pautavam-se pela lei divina. Nesse aspecto, caberia ao homem a liberdade de escolha, de modo que se afastar dos costumes, do agir como estava divinamente ordenado, era considerado uma transgressão. Na verdade, Bauman insiste que não se tratava de uma escolha, mas “de evitar a escolha”. Quando evitamos as escolhas não estamos enfrentando uma adequação de critérios. Desse modo, determinadas ações podem ser certas num sentido e erradas no outro. De outra forma, podem, portanto, ser adequadas a um contexto e inadequadas para situações diferentes. Devemos, portanto, estar sempre ciente, conforme enfatiza o filósofo polonês da necessidade de sempre se estabelecer critérios. Mas como definir e ordenar esses critérios? Os critérios podem ser de natureza cultural, sociocultural ou mesmo individual, mas devem ser sempre balizados por uma identificação com a moralidade, isto é, ser sensível, mover-se como um ser inteiro e íntegro em direção ao outro, movimento que estabelece e reedifica a responsabilidade. No entanto, a humanidade na ânsia de responder à questão identitária busca, na maioria das vezes, transformar a realidade, como afirma Bauman (2005, p. 26), “à semelhança da idéia”.

Prof. Dr. Delmo Mattos

